

## VILLA NOVA FOOTBALL CLUB: lazer e a formação de um clube operário de futebol (1908-1930)

Roberto Camargos Malcher Kanitz<sup>1</sup>

Prof. Adjunto da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**RESUMO:** Este artigo reconstitui os primeiros anos do Villa Nova Athletic Club, time de origem operária criado oficialmente no ano de 1908, até o início da década de 1930. O objetivo principal é analisar e problematizar a formação inicial do Villa Nova como estratégia de controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho. O que nos permitirá conhecer mais a respeito do fenômeno de criação de clubes operários em Minas Gerais. Para tanto, se constituíram como principais fontes os periódicos mineiros e cariocas disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, assim como o acervo precioso da Coleção Linhares, também disponível digitalmente. A política nacional e o futebol como estratégias de controle dos corpos dos operários eram pilares indissociáveis na construção inicial dessa nova sociedade pretensamente industrializada que se apresentava, e a história dos primeiros anos do Villa Nova Athletic Club não poderia ser apartada de todo esse complexo campo de disputas hegemônicas.

**Palavras-chave:** Villa Nova. Futebol operário. Controle dos corpos.

## VILLA NOVA FOOTBALL CLUB: leisure and training of a football worker club (1908-1930)

**ABSTRACT:** This article reconstructs the first years of the Villa Nova Athletic Club, a team of workers origin officially created in the year 1908, until the early 1930's. The main objective is to analyze and problematize the initial formation of Villa Nova as a strategy of control of bodies of the workers of the Morro Velho Mine. This will allow us to know more about the phenomenon of creation of workers' clubs in Minas Gerais. To that end, the main sources were the Minas Gerais and Rio de Janeiro periodicals available in the Digital Library of the National Library, as well as the precious collection of the Linhares Collection, also available digitally. National politics and football as strategies for control of the workers' bodies were inseparable pillars in the initial construction of this new, pretentiously industrialized society, and the history of the early years of

---

<sup>1</sup> Possui doutorado pelo Programa Interdisciplinar em Lazer da UFMG, é coordenador do Grupo de Pesquisa em História do Corpo, da Educação Física e dos Esportes/UEMG, e pesquisador colaborador do Grupo de Pesquisa em História do Lazer – HISLA/UFMG. Email: roberto.kanitz@uemg.br

the Villa Nova Athletic Club could not be separated from this complex field. hegemonic disputes..

**Keywords:** Villa Nova. Football workers. Control of bodies.

## VILLA NOVA FOOTBALL CLUB: ocio y la formación de un club operario de fútbol (1908-1930)

**RESUMEN:** Este artículo reconstituye los primeros años del Villa Nova Athletic Club, equipo de origen obrero creado oficialmente en el año 1908, hasta el inicio de la década de 1930. El objetivo principal es analizar y problematizar la formación inicial del Villa Nova como estrategia de control de los cuerpos de los obreros de la Mina de Morro Velho. Lo que nos permitirá conocer más acerca del fenómeno de creación de clubes obreros en Minas Gerais. Para ello, se constituyeron como principales fuentes los periódicos mineros y cariocas disponibles en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, así como el acervo precioso de la Colección Linhares, también disponible digitalmente. La política nacional y el fútbol como estrategias de control de los cuerpos de los obreros eran pilares indisolubles en la construcción inicial de esa nueva sociedad pretensadamente industrializada que se presentaba y la historia de los primeros años del Villa Nova Athletic Club no podía ser apartada de todo ese complejo campo de " las disputas hegemónicas.

**Palabras-clave:** Villa Nova. Fútbol obrero. Control de los cuerpos punto.

### Introdução

Neste artigo tratarei de alguns aspectos importantes do surgimento do futebol na Inglaterra e no Brasil. Nesta perspectiva, analisarei com especial atenção o processo de criação oficial do Villa Nova Athletic Club. Problematizarei as relações com a empresa multinacional *Saint John Del Rey Mining Company Limited* - patrocinadora do time de futebol e exploradora da mina de Morro Velho. Analizarei as peculiaridades da presença britânica em Nova Lima, e a influência desta na dinâmica cultural da pequena cidade mineira de Nova Lima. Nessa relação entre empresa e time de futebol, demonstrarei as estratégias de controle dos corpos da multinacional inglesa com os operários da Mina de Morro Velho.

O período histórico delimitado irá do ano de 1908 até o início da década de 1930. Este período justifica-se pela data oficial de criação do clube operário, e o princípio da década de 1930, início do processo de profissionalização do futebol em todo País.

### O futebol chega às terras tupiniquins

A chegada do futebol no Brasil poderia gerar, tranquilamente, uma tese a respeito do tema, dada a enorme variedade de interpretações e histórias contadas. Muitas das publicações não têm o menor compromisso com o estatuto científico, e vão se posicionar na defesa de interesses de grupos específicos.

Sendo assim, afirmo que muito do que se observou na história do futebol no Rio de Janeiro, e também em São Paulo, ocorreu de forma curiosamente similar nas Alterosas. Portanto, considero importante as reflexões aqui colocadas, para servirem de base para uma discussão aqui proposta.

A consequência da revolução burguesa, e seu desdobramento singular – a revolução industrial, iniciada na segunda metade do séc. XVIII, ocasionou também uma reorganização das práticas de lazer entre os europeus, especialmente entre os ingleses. Esta sociedade, como o restante do Continente, já possuía práticas de divertimento antigas, muito arraigadas na sua cultura. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, essas manifestações foram se transformando, acompanhando os novos ventos da modernidade recém instaurada. A respeito deste período de transição, Melo (2009, p. 34), nos explica:

Em linhas gerais, os primeiros esportes eram marcados pela presença e pelo uso de animais, principalmente do cavalo, o que estabelecia na cidade um elo com a tradição do campo, conectava a nova prática com os antigos sentidos e significados e “poupava” os homens de maiores exhibições corporais em um momento em que os desdobramentos das ocorrências da modernidade ainda eram embrionários. O turfe é o grande exemplo desse momento.

Nesse sentido, a Inglaterra foi um dos primeiros países que organizou os tempos do trabalho, e por consequência, ordenou as novas formas de como os divertimentos deveriam ser vivenciados. Termos como utilidade, métrica, uniformidade começam a ser implementados, na tentativa de construir uma nova ordem social no continente europeu. (SOARES, 2001).

Em diversos sites, livros de memorialistas, e outras obras literárias podemos encontrar a tão propagada história dos jogos com bola em diversos países. Mas o futebol, uma das expressões maiores do esporte moderno, possui a sua construção de forma diferenciada. Desta forma, Vigarello (2001, p. 233) nos esclarece melhor este importante ponto:

Mas a novidade dos termos “sports” e “sportman”, por volta de 1840, a instituição de clubes em França, o investimento dos proprietários impõem essas práticas para além da moda. A sua novidade é tanto mais importante quanto as corridas que existiam já em França. Não é o princípio que é novo. As corridas de cavalos tem lugar desde 1777, duas vezes por ano, a 15 de abril e a 4 de outubro, organizadas na planície de Sablons, na presença da corte. A mudança está no seu número 10 provas em 1822,

mais de 20 em 1830. Mais ainda, surge toda uma cultura, comentários que acompanham as corridas, uma reorganização que as rege.

Portanto, não estou falando de novas práticas, mas de reorganizações absolutamente diferenciadas. Sempre existiram jogos com bola na Inglaterra. Porém, em um dado momento, por força desses reordenamentos sociais, houve uma necessidade de padronizá-lo, criar regras comuns, universais, racionais, para este esporte, acompanhando os novos ordenamentos liberais e positivistas. Destarte, segundo Corbin (2001, p. 263):

O futebol, quando apareceu, tinha a função no espírito de seus promotores, de manter os rapazes das *publics schools* no interior dos espaços de recreio do seu estabelecimento de ensino impedindo-os assim de vadiar na rua e nos terrenos vagos das imediações. [...] Tal como o rúgbi, o jogo da bola redonda reveste-se, nos meios abastados dos jovens que frequentam as *publics schools*, de uma evidente função iniciática. Faz parte do ritual de integração nestas escolas de prestígio.

Nesse sentido, o Lazer foi reorganizado na nova sociedade industrial do séc. XVIII e XIX. Os divertimentos se reestruturaram, de acordo com os novos tempos e a nova dinâmica social. Pensar assim, o lazer ou os divertimentos como processos, e fatalmente inseridos na dinâmica social, apresenta-se como uma possibilidade de reestruturar o campo dos estudos do lazer em outra perspectiva.

Seguindo o modelo Europeu e acompanhando os movimentos iniciais do Rio de Janeiro e de São Paulo, sabe-se que, no início do século XX, em Minas Gerais, foram sendo criados clubes de futebol. Em consequência do surgimento das agremiações esportivas, estabeleceram-se ligas, campeonatos, jogos amistosos, ou *matches*, como se dizia na época, entre outras ações de fomento do novo esporte. Isto não acontecia desconectado do velho continente.

Esses estranhos e inusitados movimentos causavam curiosidade e estranhamento aos habitantes da Capital da República Velha, assim como dos moradores da nova capital mineira. Segundo Sevckenko (1994, p. 32):

[...] Essas práticas podiam ter o sentido do Lazer e entretenimento, como a caça (*game*) para as classes armadas, ou as brincadeiras de roda para os grupos populares. Mas seu caráter essencial mantinha sempre um sentido ritual, com conotações estamentais, cerimoniais e confirmatórias de papéis e simbolizações sociais. A invenção dos esportes em fins do séc. XIX, embora tenha se alimentado desta tradição, deu origem a coisa completamente diversa.

Entretanto, mesmo percebendo que as histórias contadas até hoje dos primeiros movimentos do esporte Bretão estarem aparentemente alinhadas com as elites brasileiras de uma forma geral, as décadas iniciais do século XX revelam a gênese de um outro complexo

processo de criação e desenvolvimento de clubes, principalmente no interior do Estado, ligados à classe operária.

Além do já estudado *Bangu Athletic Club* e alguns poucos clubes, analisados isoladamente, não há notícia da percepção desse fenômeno, que provavelmente não aconteceu apenas em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Entretanto, aposto na ideia que não havia realmente interesse daqueles envolvidos com a temática (imprensa, aristocratas, entre outros) e os atuais memorialistas, em associar a origem do futebol com a classe operária e os populares.

A estratégia de criação de clubes de origem operária ocorreu, no Brasil, na contrapartida do desejo do futebol como distintivo de classe. A burguesia perderia um dos seus signos, mas ganharia através dessa propaganda que era feita pelos clubes. E esse esforço do capital dar-se-ia de forma progressiva e sustentada. De acordo com Antunes (1994, p. 106), a respeito dos clubes operários:

[...] no início, o incentivo aos clubes restringia-se ao auxílio financeiro para compra de equipamento esportivo, pagamento de aluguel do campo de futebol e outras despesas. Mas, depois, a concorrência entre outros clubes envolvidos na disputa de campeonatos levou a direção de muitas fabricas a montar equipes mais competitivas, [...] afinal, contando com bons elementos, a equipe poderia obter melhores resultados, o que aumentaria seu prestígio e fama. Para os industriais, como o clube ostentava o nome da fábrica, abria-se um novo caminho para a divulgação e venda de seus produtos. [...] oferecia-se remuneração especial aos operários-jogadores sob forma de pequenos presentes e serviços, gratificações e inclusive, um segundo salário.

Sendo assim, apenas no final da década de 1920, com o crescente movimento pela profissionalização do esporte, o modo de tratar o futebol como distintivo de classes vai sendo paulatinamente abandonado, mesmo com os relevantes focos de resistência e valorização do futebol amador. O projeto de esporte fidalgo estava sendo abandonado e seria substituído paulatinamente por um outro mais ousado, que servisse a classe burguesa com mais eficiência, no sentido de promover o controle dos corpos dos novos trabalhadores desta nova capital mineira. Todavia, este projeto já vislumbrava seus antagonistas.

### O Alvirrubro de Nova Lima

Aos oito dias do mês de junho do ano de 1908, nas dependências da Câmara Municipal, sob a presidência do ilustre Álvaro Edward Ribeiro, com a presença de operários da multinacional inglesa *Sant John Del Rey Mining Company Limited* e de comerciantes locais, nasce oficialmente o *Villa Nova Athletic Club*. Seu nome foi uma homenagem ao antigo lugarejo de Villa Nova de Lima, que se tornaria, anos mais tarde, o município de Nova Lima.

Figura 1 - Primeira formação do Villa Nova A.C. – 1908



Fonte: Disponível em <<http://www.villanovamg.com.br/>> Acesso em: 06 jan. 2017.

A agremiação surge no cenário mineiro três meses antes de um de seus principais adversários – o Clube Atlético Mineiro, fundado no coreto do Parque municipal de Belo Horizonte, por estudantes da capital mineira. Antes do novo clube operário, no pequeno município de Vila Nova de Lima, já existia um outro clube de futebol formado exclusivamente por ingleses da empresa do Reino Unido – O *Morro Velho Athletic Club*.

O que circula como história, até os dias atuais, entre os habitantes de Nova Lima é que os ingleses, trabalhadores especializados da Saint John Del Rey, resolveram criar um clube futebolístico para se divertir. Estes cavalheiros, percebendo que muitas vezes não conseguiam organizar dois times para os *matches*<sup>2</sup>, resolveram apoiar a organização de outro clube de futebol - o Villa Nova Athletic Club, para também atender à demanda de participação local.

Esta outra esquadra seria composta por estrangeiros não-ingleses e por moradores da cidade de Nova Lima, com apoio do comércio local. Esta tese será sustentada por outros dois

---

<sup>2</sup> Palavra inglesa que até meados da década de 1930 era usada no Brasil para denominar partidas de futebol.

estudos a respeito do clube, como veremos a seguir. Importante salientar que essa iniciativa de funcionários de empresa do Reino Unido, em território estrangeiro, não era um privilégio de Minas Gerais ou Nova Lima. De acordo com Silva (2007, p. 31), o Villa Nova Athletic Club teria sido criado com algumas características dessemelhantes dos clubes aristocráticos da capital mineira:

Os ingleses eram grandes admiradores do futebol e estavam na administração da empresa Saint John d'El Rey Mining Company, desde 1834 em Nova Lima. Já no início dos primeiros anos da década de 1910 a diretoria da empresa, resolve criar um clube futebolístico para se divertir. O clube ficou conhecido como Morro Velho Atlético Club. [...] a Companhia construiu um clube para a prática de esportes destinado à comunidade inglesa e apoiou o novo clube de futebol Villa Nova Atlético Clube, fundado em 1908 pelos ingleses e operários da empresa.

Segundo a autora supracitada, os ilustres fundadores decidiram que deveriam organizar, entre os novalimenses, um novo clube de futebol, uma vez que acreditavam que apenas a equipe do Morro Velho não poderia atender aos inúmeros aficionados existentes, na pequena cidade de Nova Lima.

No único livro de memória do Villa Nova A. C. disponível, o autor também concorda com esta tese de que o alvirrubro novalimense tenha sido criado como uma espécie de *sparring* do time oficial dos ingleses. De acordo com Freitas (2008, p. 29):

É natural que na primeira década do século XX os inúmeros mineradores e demais trabalhadores envolvidos nas atividades da Saint John Del Rey Mining Company Limited tivessem no futebol uma fonte de lazer. E foi nesse contexto que houve a decisão de se fundar um clube de futebol, a que batizaram de Villa Nova Athletic Club, numa homenagem ao nome da cidade que, na época, era Villa Nova de Lima, com "L" duplo.

Entretanto, observando a foto da primeira formação do Villa Nova (FIGURA 1), tenho dificuldade de acreditar que o clube tenha surgido com forte origem operária. Penso que, aos poucos, de acordo com toda uma conformação histórica e social, acompanhando as estratégias inglesas de controle dos corpos em outros locais do mundo, o Villa Nova foi se tornando uma agremiação operária, conforme pode-se notar na matéria do periódico *O Jornal*<sup>3</sup>, de 19 de outubro de 1936:

HISTÓRIA DOS GRANDES CLUBES MINEIROS: O ESPORTE CONTA PARA SEUS LEITORES A ORIGEM E A CARREIRA BRILHANTE DO VALOROSO CLUBE ALVI-RUBRO DE NOVA LIMA. [...] A popular Casa Artísticas, ainda hoje existente em Nova Lima, foi cenário no qual se originou o Villa Nova. Em palestra íntima, os

---

<sup>3</sup> *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1936, n. 238, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

srs. Álvaro Edwards Ribeiro, G. F. Fellows, Álvaro Magalhães e cel. Adolpho Magalhães decidiram que se organizasse, entre os *novalimenses*, um clube de futebol, de vez que acreditavam não poder o Morro Velho A. C. Sozinho, *attender* aos interesses dos *innumeros afficionados* existentes na então denominada Villa Nova de Lima. Consultados outros “nobres”<sup>4</sup> do *logar* ficou deliberado que a seção inicial seria *effectuada* no salão de honra da câmara municipal, o que foi feito no dia 28 de junho de 1908.[...] Desde essa data, o *alvi-rubro* passou a *aparecer* nos cartazes dos espetáculos ao lado do tão temido Morro Velho, do Athletico e do Yale, mais tarde Palestra.

Além dessas questões referentes à origem desta agremiação, pode-se questionar o porquê, somente nos primeiros anos do séc. XX, esses clubes de futebol tenham surgido. Nesse sentido, a data de criação do *Morro Velho Athletic Club* ainda é incerta. Entretanto, encontrei na pesquisa, um trecho de reportagem<sup>5</sup> que é, no mínimo, curioso para quem é pesquisador da história do esporte:

Também sede alí, no bairro do Morro Velho, o **veterano Morro Velho A. Club, grêmio de futebol mais antigo do Brasil e fundado em 1835**<sup>6</sup>, pelos ingleses, possuindo todos os ramos de esportes terrestres, ótimos campos, rincks e pistas. Já tomou parte em partidas oficiais de futebol nos campeonatos mineiros há muitos anos atrás, porém agora possui uma vida mais recatada, só concorrendo a campeonatos de tenis patrocinados pela federação mineira, à qual é filiado, promovendo entretanto, jogos amistosos de futebol, tenis, criket, bem como festividades esportivas.

Não que seja fundamental saber qual foi o primeiro clube de futebol brasileiro. Entretanto, ficará sem a devida investigação, a dúvida da data original de criação tanto deste clube representante dos trabalhadores ingleses em Nova Lima, como do próprio Villa Nova. Digo isso pois, se é verídico o enredo que o Leão do Bonfim foi criado para ser o *sparring* do Morro Velho, como aponta seu memorialista e a dissertação escrita sob seu tema, porque os ingleses e comerciantes de Nova Lima esperaram até o ano de 1908 para criar o adversário?

De toda forma, a data apresentada pelo periódico é perfeitamente viável, uma vez que os ingleses já estavam em terras mineiras desde a primeira metade do séc. XIX. Será possível que eles, durante todo esse tempo, não tivessem praticado um dos esportes mais vulgares da Inglaterra? Lembrando que, na segunda metade do século XIX, nas terras da rainha, o futebol era praticado pelos estudantes das *Public Schools*, e também por um contingente considerável da classe operária inglesa. Hobsbawm (2015) nos indica que, todos os elementos do futebol moderno, inclusive relativos à dimensão do espetáculo, já estavam estruturados no século XIX.

### A Mina de Morro Velho e a Saint John Del Rey

<sup>4</sup> Grifo meu

<sup>5</sup> ESPORTE Ilustrado. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1944, n. 304, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>6</sup> Grifo meu.



O berço do nascimento deste clube operário foi um município do Estado de Minas Gerais, localizado na fronteira centro-sul da cidade de Belo Horizonte, que atraiu um significativo número de homens à procura de ouro e riqueza desde o século XVIII. Muitos locais de mineração ainda se encontram em atividade no município, incluindo as minas de Morro Velho, de Mostardas e do Rio do Peixe, entre outras. Nelas, diversos minerais eram extraídos, incluindo o ouro.

A companhia Inglesa *Saint John Del Rey Mining Company Limited* comprou a Mina de Morro Velho, pertencente à pequena cidade, ainda no início do século XIX, mais especificamente no ano de 1834. Era explorada desde o século XVIII, mas estava decadente quando foi negociada com seus proprietários, os brasileiros: George Francis Lyon, John Tom, Frederick Warre e Luiz Morethson. Os ingleses tinham urgência na abertura de novos mercados, pois estavam bastante prejudicados pelo Bloqueio Continental imposto por Napoleão Bonaparte, na Europa. Para eles, a América e o Brasil eram uma espécie de compensação às perdas europeias. Segundo Colvero e Tavares (2017, sem paginação):

A transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, sob a proteção da Inglaterra e sua Royal Navy, mudou os rumos da história desse país com repercussões duradouras. D. João, atingido pelas consequências da disputa entre a Grã-Bretanha e a França de Napoleão Bonaparte, trouxe consigo a influência britânica.

Desta forma, em 1810, foram assinados os tratados de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação e um último que tratou da regulamentação das relações postais entre os dois reinos. Esses tratados quebraram o monopólio português em nome do liberalismo e feriram em cheio os interesses lusos, além de humilhar a soberania portuguesa.

Acompanhando este movimento de expansão inglesa, a *Saint John Del Rey Mining Company Limited* foi organizada em Londres, em abril de 1830, com um capital inicial de 165 mil libras esterlinas. No mesmo ano começou a explorar alguns depósitos ao norte da cidade de São João Del Rei. Em dezembro de 1834, depois de registrar um prejuízo de 26.287 libras, a empresa inglesa decidiu transferir suas operações para Morro Velho.<sup>7</sup> Sendo assim, de acordo com Couto e Costa (2003, p. 6):

O investimento inglês na mineração de ouro em Nova Lima se reporta às primeiras décadas do século XIX. Chegado ao município em 1834, tratava-se de organizar as operações em moldes industriais, colocando-se em primeiro plano o problema da provisão da oferta de trabalho necessária à consecução do empreendimento. Para

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br>. Acesso em: 14 fev. 2017

tanto, a empresa recorre à modalidade de trabalho escravo, a mais disponível à época, ainda que fosse também possível se contratar trabalhadores livres, mormente pequenos produtores de subsistência. Estes, porém, eram considerados pouco adaptáveis ao trabalho na mina, dado sua irresponsabilidade e absenteísmo que, na verdade, eram mera decorrência da percepção social do trabalho numa sociedade escravista.

A envergadura industrial do empreendimento foi um marco histórico na transição do Brasil para se inserir na etapa imperialista do capitalismo internacional, e constitui um fenômeno intrinsecamente ligado ao processo de penetração e expansão do capital estrangeiro no Brasil iniciado após a independência política do país em 1822. (GROSSI, 1981).

Com a utilização de mais capital, mais tecnologia e métodos de gestão mais eficazes para a época, a mina de Morro Velho se tornou o investimento inglês mais rentável em toda a América Latina, no século XIX. Na década de 1930, podemos comprovar o prognóstico favorável da mina, em reportagem do jornal *Gazeta de Paraopeba*<sup>8</sup>:

*EXTRACÇÃO DO OURO NO BRASIL. [...] Depois de Minas Gerais, o Estado que mais tem fornecido ouro para o Banco do Brasil, (as minas de Morro Velho são inexgotáveis) é hoje Matto Grosso onde esse commercio toma mais relevo, não obstante as grandes extrações de Lavras (Rio Grande do Sul) e as do Paraná e Brasil.*

O empreendimento inglês era tão vultuoso que colocou em destaque, em poucas décadas, a mina de Morro Velho no cenário nacional e internacional, como a que mais produzia minério de ferro e ouro, a mais profunda da terra, entre outras características.

Em decorrência disto, numa perfeita sintonia com a elite da Capital da República, o presidente do *Touring Club do Brasil*, Octavio Guinle, convidava os brasileiros a conhecer a mina que já se tornara famosa à época, e a indústria da vizinha Sabará – a Siderúrgica Belgo Mineira, através do jornal carioca *A Noite*<sup>9</sup>:

*AJUDANDO O BRASILEIRO A CONHECER O BRASIL. [...] Visitando as minas de Morro Velho, far-se-a uma idéia da riqueza do solo, mas também do esforço formidável que exige o aparelhamento para extracção do precioso metal. É um parque de instalações mecânicas colossais; e as galerias das minas de Morro Velho atingiram a uma profundidade tal que a rocha já se resente do calor excessivo do centro da terra, sendo necessário um resfriamento artificial para que ella não se esfarele ao contato como ar. Em Sabará visitaremos as usinas de aço que já abastecem em grande parte o nosso mercado e que constituem um começo de realização do problema tão debatido da siderurgia nacional.*

No ano de 1931, a mina de Morro Velho recebeu duas visitas ilustres: A primeira do

<sup>8</sup> GAZETA de Paraopeba, Paraopeba/MG, 21 de junho de 1936, n. 341, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>9</sup> A Noite. Rio de Janeiro, 14 de março de 1933, n. 268, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

recém empossado presidente Getúlio Vargas, em 24 de fevereiro. Além do estadista, veio também o Príncipe de Gales, que depois se tornaria o rei Eduardo VIII e o seu irmão George, acompanhado do “comboio da São Paulo *Railway*”. Além dos ilustres visitantes, a nobreza do Reino Unido também ficou hospedada na conhecida Casa Grande, construída pela família do Padre Antônio Pereira de Freitas no século XIX, no estilo colonial português. Sendo assim, para ilustrar a suntuosidade das moradias, aponto o relato do viajante Burton (1976, p. 174), que esteve na Vila de Congonhas de Sabará<sup>10</sup>, em 1867, descreve a Casa Grande - sede da superintendência Inglesa:

Deixando à esquerda, em uma eminência, a grande casa branca do armazém da Companhia, dirigido pelos Srs. George Morgan e Matthew, encontramos a Casa Grande, que não deve ser confundida com as “casas grandes” do Vale da Vila. Nela fica a sede da superintendência, e é pintada com o amarelo oficial, ornada com uma parreira e tendo em frente uma varanda, construída para receber Sua Majestade Imperial.

A presença dos ingleses não marcou apenas a engenharia e a arquitetura da região, mas influenciou também a cultura local e alguns de seus costumes. Exemplos disso são: o bicamente, símbolo de Nova Lima, logo na entrada da cidade, construído em 1890 para abastecer de água a área industrial da mineração; o Cemitério dos Ingleses, onde estão sepultados alguns dos primeiros colonizadores - que nem na morte queriam se misturar à população local (GROSSI, 1981); e a Igreja Anglicana - Paróquia São João Batista, construída no ano de 1913. Entretanto, Minas Gerais não seria o único local onde os ingleses apresentariam este tipo de conduta. Caldeira (1995, p. 109), nos conta como acontecia no Rio antigo:

A colônia inglesa funcionava como uma sofisticada comunidade autônoma na vida do Rio de Janeiro: seus membros tinham uma presença forte na economia e na política, mas pouca gente na cidade convivia com eles – o que muito os satisfazia. Cultores de sua própria superioridade, os ingleses, desde que chegaram ao Brasil, mantiveram um hábito de seu país de origem: não gostavam de se misturar. Para manter a devida distância dos nativos, dedicaram-se com pertinácia e método, a produzir no Rio de Janeiro uma miniatura tropical de sua ilha. Em menos de vinte anos, montaram um aparato completo para esquecer que estavam longe da “civilização”. Eles liam seu próprio jornal, o *Rio Herald*, assistiam culto em inglês na capela anglicana, empregavam governantas inglesas em suas casas. As crianças tinham aulas em escolas próprias, com professores trazidos da Inglaterra; se precisavam estudar mais, recorriam à biblioteca inglesa. Quando ficavam doentes, internavam-se no hospital inglês e recebiam tratamento de um médico inglês – e até os mortos eram convenientemente enterrados no Cemitério dos Ingleses. Era fácil encontrar os gêneros e produtos para o dia-a-dia: os membros da colônia equipavam suas casas indo às lojas dos patrícios, onde compravam tudo que consumiam em seu próprio país.

---

<sup>10</sup> Antigo nome da cidade de Nova Lima/MG.

Para além das características da presença inglesa em Nova Lima e no Brasil, não era uma unanimidade a admiração e o respeito relativo às obras da *Saint John Del Rey Mining Company Limited*. Havia o medo pela segurança da capital mineira, em decorrência das incompreendidas perfurações no solo<sup>11</sup>, e a população, de uma forma geral, tinha uma desconfiança da gestão dos ingleses, conforme podemos observar no trecho da carta publicada pelo jornal *A Noite*<sup>12</sup>:

*Afirmaste* em vosso artigo que em Morro Velho extraem-se duzentas arrobas de ouro anualmente. É um facto. A mineração da Passagem produziu durante dezenas de anos mais de cem *kilos annuaes* e produziria *inesgotáveis* se os ingleses tivessem continuado na sua faina de exploração. Há muitos “Morro Velho” em todo o Brasil, bem o disseste. Mas pouco nos adentram as companhias inglesas que apenas *augmentam* os seus latifúndios e enriquecem a Inglaterra, acenando-nos orgulhosamente de longe com o seu “esterlino”, como a dizer-nos: vem tomar-nos, brasileiros, se é capaz!

Afora suspeições dessa ordem, existia uma certa antipatia da população local, e até mesmo mineira com os ingleses. E esses conflitos não apareciam apenas no meio da população. Seus governantes também se indispuseram com a gestão da *Saint John Del Rey*. Todavia, os conflitos entre os representantes da ordem burguesa eram rapidamente resolvidos entre *gentleman*.

Por outro lado, eram recorrentes na Mina de Morro Velho, assim como um número relevante de mortes de trabalhadores. A imprensa belorizontina, na década de 1930, não poupou a multinacional de inúmeras críticas, inclusive pela forma sectária com que os ingleses se relacionavam com a comunidade local.

Quando não eram os acidentes, de toda ordem, tais como: explosões, desabamentos, soterramentos, entre outros; os mineiros e suas famílias sofriam com as consequências de inúmeras doenças, a exemplo da silicose<sup>13</sup>, que matava ou impossibilitava o operário de continuar a receber seus proventos advindos do labor na profunda mina. Na ocasião do acidente, o jornal *O Constitucional*<sup>14</sup>, noticia em sua coluna:

---

<sup>11</sup> LAVOURA e Comercio. Uberaba/MG, 21 de abril de 1936, n. 456, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>12</sup> *A Noite*. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1930, n. 6855, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>13</sup> Também conhecida como fibrose massiva progressiva, silicoproteinose. A silicose é uma doença pulmonar causada pela inalação de sílica. O pó de sílica é o elemento principal que constitui a areia, fazendo com que a doença acometa principalmente mineiros, cortadores de arenito e de granito, operários das fundições e oleiros. Também àqueles em que os trabalhos implicam na utilização de jatos de areia, na construção de túneis e na fabricação de sabões abrasivos, que requerem quantidades elevadas de pó de sílica. – Disponível em: <http://www.minhavidacom.br>

<sup>14</sup> “O Constitucional”. Ouro Preto/MG, 30 de novembro de 1867, n. 89, p. 3. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Este sinistro acontecimento tem in *commodado summamente* à todos os habitantes deste município que *d'lle* vão tendo notícia. *Felismente só fallecerão asphyxiados* 21 pretos, e um *Inglez*; digo *felismente* porque, sendo empregadas nas mina diariamente para mais de 900 pessoas, o número das *victimias* em relação foi pequeno; isto devido a boa direção *d'quelle* estabelecimento.

Curiosamente, a *Saint John Del Rey Mining Company* também foi o maior empreendimento escravista privado de todos os tempos, em Minas Gerais. Ela importava mineiros europeus da Cornualha e contratava brasileiros livres. Entretanto, o maior volume da sua força de trabalho era de origem escrava.

Entretanto, o processo de organização desta empresa nas terras mineiras, os desdobramentos da relação entre capital e trabalho, e o surgimento de um forte movimento sindical, são características de um processo mais abrangente, principalmente no que se refere à atuação política influenciada fortemente pela presença estrangeira, como nos aponta Grossi (1981, p. 41):

A emergência de atividades industriais urbanas nas últimas décadas do século passado configurou o surgimento, na Primeira República, de uma nova classe social: o operariado industrial. Morro Velho não escapou à determinação estrutural constatada na formação da classe operária brasileira, que foi a presença do imigrante europeu. O maior contingente de trabalhadores da Companhia constituiu-se de espanhóis. Estes trouxeram sua experiência não só profissional como de vida associativa e mesmo de luta reivindicatória.

Segundo Pereira (1998), a expansão do capital e da tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente sul-americano, e que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nestes países e na grande influência que a cultura bretã, seria uma das principais vias de um complexo processo de consolidação do futebol como conhecemos hoje. A outra via seria a experiência que os jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iriam estudar. Ainda de acordo com o autor, poderia dizer que a difusão do futebol expressava uma outra face do afamado imperialismo britânico, aparecendo para muitos como um elemento de descaracterização das culturas e tradições locais. Ou arrisco dizer que o futebol pretendia implementar novos hábitos a esta população.

Pode-se pensar que os bancos, as estradas de ferro, as companhias de mineração, de transporte urbano, de iluminação a gás, de telégrafo, de cabotagem, de seguros; tudo isso fazia parte das ações do Imperialismo Bretão. Com estes fios teceu-se a dominação inglesa no mundo, durante muitas décadas. Sendo assim, o dominador necessitou de instrumentos de controle dos corpos, convencimento e simpatia da população local. Os filhos da Inglaterra, muito

possivelmente, operaram com o futebol para marcar sua presença e anunciar sua cultura associada com os ideais de modernidade e progresso em diversos países.

Destarte, a *Saint John Del Rey* explorou a Mina de Morro Velho até a década de 1960, quando foi vendida a um consórcio de capital brasileiro (Unibanco e Bozano Simonsen), que se associou com a empresa sul africana *Anglogold* em 1975 e que, por sua vez, assumiu a totalidade do capital acionário em 1999. Em 2004, ao se associar com a empresa inglesa *Ashanti Goldfields Corporation* mudou seu nome para *Anglogold – Ashanti*.

A mina foi paralisada em outubro de 2003 devido à grande profundidade da exploração, que acarretava economicamente pouco desempenho. A mina mantém, desde 1994, o Centro de Memória Morro Velho, onde é proposto o resgate da história da mina nos séculos XVIII, XIX e XX. (DIAS, 2012).

### Created by England

Ainda no século XVIII, a Inglaterra apresentou-se como a primeira grande potência capitalista, a partir da Revolução Industrial. Desde então, o novo sistema evidenciou-se em todas as partes do planeta, suplantando os modos de produção antigos e as relações de trabalho milenares. Temos como exemplo os povos da América, África e Ásia, que foram colonizados pelos europeus e que tiveram de adotar o modo capitalista de organizar a política e a economia, abandonando tradições de trabalho e propriedade coletivos. (GUIMARÃES, 2014).

O capitalismo e um dos seus fenômenos mais significativos - a expansão inglesa, não havia trazido para as populações exploradas nenhuma melhoria nas condições de vida. De acordo com Marx (2001, p. 71):

Digo, entretanto, que o trabalho em si, não só nas atuais condições, mas globalmente, à medida que a sua finalidade se resume ao aumento da riqueza, é danoso e insalubre, e que tal condição se tira do próprio argumento do economista, se bem que ele não tenha percebido.

Este trecho que Marx nos apresenta indica, de forma precisa, como foi a exploração da mina de Morro Velho e a relação do grande capital inglês com os operários brasileiros. Mortes, doenças, não cumprimento das leis trabalhistas do novo regime de Vargas eram alguns exemplos, num leque de ações predatórias impetradas.

Decerto, com os nefastos efeitos do capitalismo multinacional protagonizados pelos representantes do Reino Unido, ainda no séc. XIX, havia a necessidade de se pensar em estratégias de apaziguamento e de disputas ideológicas. Hobsbawm (2015, p. 313) nos conta o

que ocorria nesta época, na Inglaterra, e que provavelmente foi inspiração de muitos gestores burgueses, nas ocupações britânicas pelo mundo:

Esta cultura operária estava tão solidamente estabelecida que é difícil esquecer que ela possuía origens cronológicas específicas. O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte, já ao final da década de 1870, houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaços, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880, quando desenvolveu suas estruturas – os jogos da *liga*, a competição arrasadora pela taça, o domínio quase completo do jogo por atletas de origem proletária (que recebiam salários como todos os trabalhadores, embora os dos atletas fossem mais altos que o dos restantes) [...]

Desta maneira, o futebol em toda sua dimensão de espetáculo e o incentivo à criação de clubes operários apresentam-se como uma das ações de disputa da hegemonia nos locais onde as indústrias do Reino Unido operavam, e em consequência da eficiência do fenômeno observado na Inglaterra. No caso da *Saint John Del Rey Mining Company Limited* ter uma quantidade considerável de operários, moradores e moradoras da pacata cidade mineira de Nova Lima acreditando na exploração de seus corpos, visando apenas o balanço contábil da empresa, poderia não ser a melhor política. Haveria de se criar estratégias para construir uma imagem positiva da multinacional inglesa naquela sociedade.

Desta forma, a adesão dos operários ao futebol, na Inglaterra, poderia ser explicada pela transição de uma forma de vivenciar os lazeres populares, no início do séc. XIX, conforme já discutimos anteriormente. Ao mesmo tempo, no caso dos novos esportes, o futebol era reproduzido em campo, num ambiente muito similar para os operários das fábricas. A especialização das funções laborais, tem uma função no time como na fábrica), o trabalho coletivo, a disciplina através da fixação das regras e do controle do tempo, além da competitividade e do estabelecimento de metas.

Sendo assim, o controle dos corpos era construído através de outras sensibilidades, de outras estratégias de convencimento. Não era simplesmente a alienação da população, tese defendida nos anos de 1960 e 1970. Era a apresentação do esporte como estrutura desejada e pretendida para o trabalho do proletário, modelar para a organização da sociedade democrática liberal. Sendo assim, de acordo com Stedile (2013, p. 16)

Assim, na década de 1880, o futebol já era o esporte proletário da massa, quase uma religião leiga e nos próximos anos, se testemunharia a fundação de centenas de clubes operários como o Dial Square (depois Arsenal Football Club) formado por operários da Woolwich Arsenal Armament Factory, o Coventry por empregados de uma fábrica de bicicletas, o West Ham dos trabalhadores do estaleiro Thames Ironworks and Shipbuilding Co. Ltd ou o Milwall, dos trabalhadores da fábrica de

geléia Morton's Jam.

Como exemplo desse fenômeno do futebol operário como estratégia de controle dos corpos dos operários, além do poderoso *Bilbao Athletic Club*, clube da primeira divisão espanhola, criado por ingleses em 1898, podemos evidenciar o *Bangu Athletic Club*, do Rio de Janeiro; e cujas histórias guardam algumas analogias com o famoso clube espanhol e com o alvirrubro novalimense.

O Bangu, clube suburbano da capital da república, foi fundado quatro anos antes do seu correlato mineiro, e também estavam na sua origem funcionários ingleses e operários brasileiros da antiga fábrica de tecidos. Esta estratégia inglesa de controle dos corpos, provavelmente foi utilizada em diversos locais, e em diversos países, onde a forte influência ocorreu.

As semelhanças entre o Bangu e o Villa Nova são muito curiosas, desde a camisa oficial dos dois clubes nas cores vermelho e branco (cores da bandeira inglesa), com listras verticais, e a característica de ter entre seus fundadores, jogadores e alguns personagens que não compunham a elite da época. A respeito deste fenômeno, Santos Junior (2013, p. 11) nos explica:

A fundação do Bangu Athletic Club, assim como o surgimento de outros clubes fabris, promove um alargamento simbólico no cenário incipiente do futebol carioca na primeira metade do século XX. Definitivamente, a inserção dessas agremiações mantendo em suas fileiras brancos pobres, negros, entre outros representantes das camadas populares, indicava a força que a prática estabelecia entre os bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

A aceitação do Villa Nova como clube que pudesse pertencer ao grupo dos grandes clubes da capital mineira, só irá se concretizar no final da década de 1920, quando se iniciam os primeiros movimentos pela profissionalização do futebol. Ao Leão do Bonfim, apesar dos inúmeros amistosos com as agremiações aristocráticas da capital, somente foi permitida a participação nos campeonatos oficiais da Capital, no ano de 1927.

Isso indica que ainda nesta época havia uma estratégia de insistência na configuração do futebol como distintivo de classe, protagonizado pela imprensa local. Entretanto, não apenas Minas Gerais foi privilegiada em receber os impactos da ocupação inglesa, ou Europeia.

A cidade de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, apresenta-se como um bom exemplo disto para pensarmos a necessidade de controle da burguesia sobre seu operariado. As instalações de fábricas teriam ocorrido de maneira estratégica, pois se instalam distantes entre si, para permitirem manter um maior controle sobre seus operários. Sendo assim,



de acordo com Araújo (2003, p. 82):

E, portanto, possível afirmar que a implantação das principais indústrias no território friburguense obedeceu a determinados critérios de controle e dominação que os empresários alemães montaram estrategicamente para Nova Friburgo. Não nos parece que tais assentamentos industriais se fizeram de forma aleatória. Acreditamos que num momento de expansão capitalista, o controle do espaço urbano exercido pelo grupo de alemães possibilita-lhes condições excepcionais no tocante ao domínio sobre todo o processo.

Em Minas, a burguesia foi abandonando o desejo do futebol como distintivo de classe. Esse movimento foi alterado em favor de uma nova conformação que começou a surgir no campo esportivo e futebolístico, e que ganhou pujança com a revolução de 1930. A justificativa da não inclusão do time novalimense nos torneios oficiais da capital mineira era a distância entre as cidades – 21,5km. Entretanto, dada a circulação do Villa Nova pela capital, e em outros espaços de Minas Gerais, e até mesmo a visita de clubes de Belo Horizonte em Nova Lima, se tornou insustentável continuar separando o clube operário das demais agremiações belorizontinas.

Apesar do bloqueio dos times da capital ao clube novalimense, o alvirrubro de Nova Lima, já na década de 1920, circula entre os clubes de Belo Horizonte, através de jogos amistosos, e também em viagens principalmente ao Rio de Janeiro, para confrontos com os clubes da capital da república.

O primeiro jogo do Villa Nova foi contra uma equipe sem nome determinado, formada por jogadores de um bairro tradicional de Belo Horizonte chamado Lagoinha. O bairro apresentou-se como um berço dos primeiros anos de história do futebol da nova capital mineira, abrigando clubes com nomes inspirados nos grandes times de futebol do Rio de Janeiro, tais como: Flamengo e Fluminense. O Ipanema também fazia menção a um bairro carioca. Além desses, podemos citar o Guarany e o Olympic. Nenhuma dessas agremiações resistiu ao tempo.

A estreia contra um time grande da capital mineira aconteceu apenas quatro anos após a sua fundação, em 1912, contra a equipe do Clube Atlético Mineiro. O jogo aconteceu por ocasião do aniversário do presidente do Estado de Minas Gerais – sr. Bueno Brandão. O Atlético venceu o *match* por 5 gols a 1.

No ano de 1910, o Villa consegue a primeira façanha de vencer o *Morro Velho Athletic Club*, por 3 x 1. Este clube era formado exclusivamente por Ingleses, funcionários de alto escalão da multinacional inglesa que explorava a Mina de Morro Velho, de acordo com a

reportagem retrospectiva do jornal *A Noite*, de 27 de junho de 1930<sup>15</sup>, intitulada – “O Villa Nova A. C. completa hoje 22 *annos* de existência *sportiva*”:

O Villa Nova teve a sua primeira grande *victória* nos campos de foot-ball dois anos após a sua fundação, quando em 1910 venceu brilhantemente por 2 x 1, o até então invencível Morro Velho Athletic Club, veterana e modelar sociedade mineira, e quiçá a mais antiga agremiação *sportiva* do Brasil, mantida pelos ingleses da companhia que lhe dá nome.

Segundo Freitas (2008) a vitória foi muito comemorada pela população novalimense. Isto corrobora o fato de os ingleses não serem muito bem vistos na cidade. Eles, como em outras partes do mundo, isolavam-se da população. Grossi (1981) revela ainda que nem enterrados no mesmo local que os brasileiros, os funcionários do Reino Unido queriam ser. Eles haviam construído um cemitério exclusivo. Quatro anos depois, o clube de operários de Nova Lima repete o feito, conforme conta a reportagem do jornal *O Esporte*, também retrospectiva<sup>16</sup>:

TRIUMPHO INESQUECÍVEL. Seis *annos* após foi plenamente satisfeito o desejo dos *vilanovenses*, que almejavam uma *victória* espetacular sobre os *inglezes* do Morro Velho. Enfrentando-os, em março de 1914, no campo das Quintas o mais poderoso *conjuncto* do Estado não resistiu ao *enthusiasmo* do Villa Nova e, depois de uma peleja sensacional, assistida por cerca de 8.000 pessoas, baqueou por 1 x 0. De Deus, um dos mais perfeitos avantes *daquella* época, conquistou o tento da *victória*, sendo carregado em *triumpho*.

Com o notável desenvolvimento do time alvirrubro, ainda na década de 1910, um grupo de dirigentes decide alterar o estatuto do clube. Esta tarefa foi realizada no ano de 1919, indicando que o clube operário deveria ser composto por sócios em número ilimitado, sem distinção de nacionalidade, opinião política ou religiosa. O documento também previa que o objetivo da agremiação era a “*educação sportiva*” e o desenvolvimento de todos os “*sports e exercícius athleticos*”, destacando o “*foot-ball association*.” (SILVA, 2007).

Aos poucos o Villa Nova foi se firmando no cenário futebolístico de Minas Gerais. Realizava jogos com equipes da capital mineira, de Juiz de Fora e equipes do Rio de Janeiro, conforme trecho do *Jornal de Queluz*<sup>17</sup>:

Deverá seguir hoje para Nova Lima, a primeira esquadra do Guarany F.C., que alí vae a convite de Villa Nova A. C., disputar *match* amistoso. Acompanhando a delegação guaranyense, seguirão diversos torcedores da equipe tricolor.

<sup>15</sup> A Noite, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1930, n. 6.636, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>16</sup> O Esporte. Belo Horizonte, 19 de outubro de 1936. Disponível em: Arquivo Digital da Coleção Linhares.

<sup>17</sup> JORNAL de Queluz. Queluz/MG, 12 de novembro de 1927, n. 92, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

Notícias como esta serão muito observadas, com frequência cada vez maior ao longo da década de 1920. Os clubes cariocas como São Cristovão de Futebol e Regatas, Bangu Athletic Club, Clube de Regatas Flamengo e Fluminense Football Club, também realizaram partidas amistosas com o Leão do Bonfim ainda nesta última fase amadora do futebol nacional.

## Conclusões

Interessante notar que a circulação do time de Nova Lima e seus feitos começam a chamar a atenção da imprensa carioca. A partir da década de 1930, observamos uma grande quantidade de notícias relacionadas ao Villa Nova e ao futebol mineiro. Neste período fica mais intenso o processo de profissionalização do futebol brasileiro. Conseqüentemente, o Villa Nova começa a ganhar muitos dos torneios que participava, mas não sem a resistência dos clubes da capital.

O alvirrubro novalimense realmente pode ter sido criado para servir de adversário do *Morro Velho Athletic Club*, time dos funcionários de alto escalão da multinacional inglesa. Ainda guardava uma conformação elitista e sem a participação operária significativa. Todavia, ao longo do tempo, os objetivos e as razões para se manter um elenco futebolístico competitivo, provavelmente foram alterando a lógica que fazia operar a formação do conjunto.

Por outro lado, as notícias de greves e acidentes, muitas vezes com a morte dos operários e mineiros da Mina de Morro Velho, acabavam sendo retratados pela imprensa mineira, e os possíveis impactos destes fatos na comunidade local podem ter incentivado a empresa a investir sistemática e intensamente no esporte para disputar simbolicamente sua imagem na sociedade novalimense. E o investimento não foi sem retorno.

O Villa Nova foi o primeiro clube de Minas Gerais a conseguir vitória fora do Estado de Minas Gerais. Jogou no Rio de Janeiro, em 1924. Além dessa oportunidade, houveram outros *matches* contra equipes cariocas. O que indica a construção de um projeto que envolvia a prática do futebol e o controle dos corpos dos operários da Mina de Morro Velho, e que não se iniciou apenas na década de 1930.

## REFERÊNCIAS

- A Noite, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1930, n. 6.636, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.  
\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1930, n. 6855, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 14 de março de 1933, n. 268, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.

ANTUNES, Fátima Martin Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, n. 22, 1994.

ARAÚJO, João Raimundo. **Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça Brasileira**. UFF: Niterói, 2003. Dissertação de mestrado.

BURTON, Richard Francis. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; TAVARES, Davi Kiermes. Ingleses no Brasil: estilo de viver, estilo de morrer. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, Centro de Artes/UFPel. 2017. **Anais...** Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/>. Acesso em: 24 out. 2017.

CORBIN, Alain (org.). **A História dos tempos livres**. Lisboa: Editorial teorema, 2001.

COUTO, Ebenézer Pereira; COSTA, Armando Dalla. **Trajetória histórica da empresa mineração Morro Velho**. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos>. 2003. Acesso em: 02 out. 2016.

DIAS, Fábio Martins. **A estadia do imperador D. Pedro II na mina de Morro Velho e o espetáculo público da realeza (1881)**. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2012. (monografia).

ESPORTE Ilustrado. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1944, n. 304, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. **Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2008.

GAZETA de Paraopeba, Paraopeba/MG, 21 de junho de 1936, n. 341, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho: a extração do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUIMARÃES, Gustavo Uchôas. **Um breve histórico da dominação cultural**. 2014. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em: 13 fev. 2017.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LAVOURA e Commercio. Uberaba/MG, 21 de abril de 1936, n. 456, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

JORNAL de Queluz. Queluz/MG, 12 de novembro de 1927, n. 92, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Corpos, bicicleta e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade (org.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

O Constitucional. Ouro Preto/MG, 30 de novembro de 1867, n. 89, p. 3. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

O Esporte. Belo Horizonte, 19 de outubro de 1936. Disponível em: Arquivo Digital da Coleção Linhares.

O Jornal. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1936, n. 238, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Campinas: UNICAMP, 1998. (Tese de doutorado).

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde: Revista de História do Esporte**. v. 6. n. 1, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP**, n. 22, 1994.

SILVA, Daniela Alves da. **Cultura operária**: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Dissertação de mestrado).

SOARES, Carmen L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

STEDILE, Miguel Henrique. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Revista Espaço Plural**, Ano XIV, n.29, 2013.

VIGARELLO, Georges. O Tempo do Desporto. In: CORBIN, Alain (org.). **A História dos tempos livres**. Lisboa: Editorial teorema, 2001.

### Endereço para correspondência

Email:roberto.kanitz@uemg.br

**Recebido em:**

04/10/2017

**Aprovado em:**

15/10/2017